

Entrevista
Por Larissa Vieira

Pedro Antonio Arraes Pereira - Diretor-presidente da Embrapa

A Ciência por trás do campo



Eraldo Pêres

Graças aos avanços da Ciência, o Brasil conseguiu sair de importador para grande produtor de alimentos. Dos laboratórios da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), inúmeras pesquisas têm ajudado produtores brasileiros e de outros países a produzir alimentos de qualidade e em grande volume. Sob o comando do carioca Pedro Antonio Arraes Pereira, que se apaixonou pelo campo durante as viagens de férias na fazenda do avô, em Uruguaiana (RS), a Embrapa é hoje referência mundial em ciência e tecnologia. Com pós-doutorado em Genética Molecular e Marcadores Moleculares no Feijoeiro Comum, o diretor-presidente da Embrapa está na entidade desde 1977. Em entrevista à revista O Girolando, Arraes conta como a entidade desenvolve pesquisas para beneficiar não só os produtores rurais, mas a sociedade como um todo.

O Girolando - O Brasil tem pela frente o desafio de suprir grande parte da demanda futura de alimentos no mundo. O que será preciso para realmente atender essa demanda?

Pedro Arraes - O mundo vai precisar aumentar em 40% a produção de alimentos e outros países também precisam produzir, não é só o Brasil. Por outro lado o Brasil pode ocupar espaços que vêm surgindo no mercado internacional. A China, por exemplo, que era grande produtora de milho, agora terá de importar o grão em grande quantidade. Temos tecnologia e terras disponíveis para garantir o futuro aumento da produção de alimentos. Quando a Embrapa foi criada, em 1973, a entidade tinha o papel de desenvolver pesquisas para que o país pudesse atender a demanda interna por alimentos. Na época, o Brasil importava quase tudo. As pesquisas conseguiram dar um boom na produção. Saltamos de 40 milhões de toneladas de grãos em 1976 para 160 milhões atualmente. A área plantada cresceu 31%, a produção saltou para 218% e a produtividade para 158%. Com o melhoramento genético de plantas e animais, a produção de alimentos no país pode crescer ainda mais. Temos áreas para expandir a fronteira agrícola. Só de pastagens degradadas são 100 milhões hectares, que poderão ser aproveitados para produção de alimentos através da integração lavoura, pecuária, floresta. Com um manejo adequado poderemos aumentar a produção por unidade.

O Girolando - A pesquisa no Brasil ainda hoje sofre com a falta de recursos?

Arraes - Em décadas anteriores realmente faltavam recursos. Fazer pesquisa é caro e os resultados são alcançados em longo prazo. Além disso, precisa ser um investimento constante. Hoje temos um orçamento melhor. O PAC Embrapa revigorou a entidade, permitindo que 85% dos nossos laboratórios fossem modernizados. Claro que sempre vamos necessitar de mais recursos, mas a in-

Eraldo Pêres



fraestrutura que temos atualmente está permitindo desenvolver pesquisas nas mais diversas áreas que vão beneficiar toda a sociedade por muitas décadas.

O Girolando - Como o Brasil está em termos de pesquisa e tecnologia para produção de alimentos em relação a outros países?

Arraes - O agronegócio brasileiro é reconhecido mundialmente por seu grande nível tecnológico, mas a Ciência é algo global, exigindo que nosso trabalho também seja global. Contamos com Laboratórios Virtuais da Embrapa no Exterior (Labex) nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia que funcionam como plataforma para a cooperação entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. É uma forma de estarmos inseridos no que há de mais moderno em termos de Ciência, sem gastar os recursos que um laboratório convencional exige, pois compartilhamos os meios físicos com as instituições parceiras. Por outro lado, temos pesquisadores estrangeiros desenvolvendo estudos nos laboratórios brasileiros da Embrapa. É uma parceria ganha-ganha que tem permitido a troca de experiências com vários países. Além dos Labex, temos projetos de pesquisa em países da África e das Américas para o desenvolvimento de tecnologias capazes de beneficiar todos os países envolvidos. Também estamos transferindo tecnologia para nações que enfrentam dificuldades na produção de alimentos, como, por exemplo, o Haiti. Enviamos pesquisadores para essas localidades com o objetivo de capacitar a população local para produção de grãos, de hortaliças e preservação dos recursos naturais. Em Moçambique, onde há uma região de cerrado semelhante ao nosso, estamos levando as tecnologias que fo-

ram desenvolvidas para produção de alimentos em áreas de cerrado.

O Girolando - O Brasil não corre o risco de futuramente perder espaço no mercado mundial por repassar nossas tecnologias a outros países?

Arraes - Temos de pensar de outra maneira, de forma solidária. No passado, o Brasil foi beneficiado por espécies vindas de outros países. É o caso das pastagens. Hoje a maior parte do pasto brasileiro é formada por forrageiras tropicais vindas da África. Por que não podemos retribuir, levando aos países africanos as tecnologias básicas de produção de alimentos? Os projetos de pesquisa que desenvolvemos na África atualmente ainda podem nos beneficiar futuramente. Um exemplo é a pesquisa que investiga formas de combater o carrapato africano que está sendo desenvolvida pela Embrapa. Esse tipo de carrapato transmite uma virose aos animais que causa grandes perdas. O resultado da pesquisa vai beneficiar os africanos, mas, se no futuro, esse tipo de carrapato for encontrado no Brasil, já saberemos como combatê-lo. Claro que essa internacionalização da Embrapa é fruto de estudos estratégicos feitos pelo governo federal. As áreas são definidas levando em conta a possibilidade de gerarem avanço científico para o Brasil.

O Girolando - Como fazer para que as tecnologias desenvolvidas em laboratório cheguem ao campo de forma mais rápida e ampla?

Arraes - A extensão rural pública no Brasil passou por um processo de deterioração em anos anteriores que acabou dificultando o acesso, principalmente dos pequenos produtores, às tecnologias. Já os grandes produtores têm recursos próprios para investir em inovação. Estamos firmando parcerias para que a extensão rural, seja ela pública ou privada, possa levar os avanços tecnológicos a todas as propriedades rurais. Vamos lançar este ano um projeto de capacitação dos extensionistas,

via internet. Com isso, vamos conseguir que a informação chegue a lugares onde não estava chegando.

O Girolando - As pesquisas estão garantindo maior segurança alimentar e produtos que atendam ao atual estilo de vida do brasileiro?

Arraes - Em um primeiro momento a Embrapa desenvolvia suas pesquisas para dentro da porteira, levando mais tecnologia para os produtores. Hoje, trabalhamos para beneficiar a sociedade em geral. As pesquisas com feijão, por exemplo, foram desenvolvidas para se obter um grão de cozimento mais rápido. Como a dona de casa brasileira tem preferência por um feijão de cor mais clara, por

achar que cozinha mais rápido, buscamos selecionar grãos nesse tom. Na parte de segurança alimentar, um bom exemplo é a pesquisa com bagaço de caju para produção de corante natural. Os pigmentos encontrados no caju proporcionam uma escala de matizes, que vão do amarelo claro ao alaranjado, fazendo com que a fruta seja uma alternativa de fonte natural para o mercado de corantes. Os corantes artificiais, como a tartrazina,

têm em sua fórmula substâncias que podem trazer riscos à saúde.

O Girolando - Como é o trabalho da Embrapa em relação à pecuária leiteira?

Arraes - As pesquisas no setor pecuário avançaram muito mais que na agricultura. Temos várias unidades da Embrapa que trabalham especificamente com pecuária, sendo uma delas só para o leite. Sabemos que a demanda por leite é grande e precisamos avançar em qualidade e produtividade cada vez mais. No caso da Instrução Normativa 51, as mudanças que levaram à Instrução Normativa 62 foram feitas com base em um estudo apresentado pela Embrapa Gado de Leite. A unidade vem trabalhando no sequenciamento do genoma bovino da raça Girolando e de outras raças leiteiras. Já outras unidades da Embrapa desenvolvem pesquisas nas áreas de pastagem, de sanidade, de nutrição, entre outras.

// ...estamos transferindo tecnologia para nações que enfrentam dificuldades na produção de alimentos, como, por exemplo, o Haiti.

//